

O PRD acendeu velas para um sinal de Eanes, com a ga Eanes, que já teve e perdeu Braz — pondera e hesita se balança pesa-lhe o prato de bastar a Zenha...

Eanes hesita, partido est
PRD acendeu ve

A operação Costa Braz falhou. E falhou exactamente por tirar o tapete ao quatro- e revelar a partido já tem alou

Fundação Cuidar o Futuro

FONTE DE INFORMAÇÃO

Semanário

N.º DE REGISTO

/AJ

DATA

9/xi/85

N.º

PÁ



O PRD acendeu velas para que Zenha avançasse. Zenha desejaria um sinal de Eanes, com a garantia inequívoca do seu envolvimento. Eanes, que já teve e perdeu o seu candidato presidencial — Costa Braz — pondera e hesita se deve ousar uma segunda escolha. Na balança pesa-lhe o prato do pudor. E o silêncio de Eanes pode não bastar a Zenha...

Eanes hesita, partido estremece

PRD acendeu velas por Salgado Zenha

A operação Costa Braz falhou. E falhou exactamente por onde menos se esperaria — pelo PRD (ler na página seguinte os passos da desistência). Não porque o partido tenha recusado liminarmente a candidatura do coronel, nada disso. Falhou porque o PRD não disse pronto!

Rebeldia face a Eanes? Que não, diz-nos um dirigente renovador: «desde que Eanes apoiasse uma candidatura, o PRD estaria naturalmente ao lado do general para apoiar esse candidato». E iria fazê-lo, relativamente a Braz, num Conselho Nacional que se realizaria no próximo dia 16.

Só que entre o primeiro sinal de Eanes e a (falta de) resposta do partido há um hiato do tamanho de uma das principais contradições orgânicas do PRD: Eanes reagiu como se habituou, no género do «determino e publique-se»; mas o partido, que não esconde alguma desfeita relativamente ao grupo de não militantes (já chamado de **bando dos quatro** — Botequilha, Miguel Caetano, José Rabaça e Melo Antunes) que goza da permanente influência junto de Eanes, resolveu reagir ao ritmo lento das «decisões democráticas, assumidas pelos órgãos competentes»: o Conselho Nacional.

Tirar o tapete

ao «bando dos quatro»

E porque não foi marcado para mais cedo esse Conselho?

O PRD tardou. E Brás despediu-se. O PRD perdeu um candidato. Mas, pela primeira vez após a fundação, os dirigentes eleitos aproveitaram a oportunidade para «vencer o tabu»

tirar o tapete ao «bando dos quatro» e revelar a Eanes que o partido já tem algumas regras de funcionamento e decisão e não é apenas função do seu líder natural, até ver ausente.

Costa Braz esclareceu que tivera a honra do apoio de Eanes, apoio que — segundo fontes fidedignas — o general terá feito questão de o assumir, mesmo na hora da despedida.

Os dirigentes do PRD entendem que o general quis apenas manifestar que se não aparecer mais nenhum candidato também não apoia qualquer dos que já se anunciaram (leia-se Pintasilgo).

Mas há quem faça leituras diversas, sustentando, designadamente, que Eanes terá compreendido a **moleza** do PRD face a Braz, e que, com aquela atitude, se liberta das pressões relativamente ao seu requisitado envolvimento directo na escolha e apoio de outro candidato (leia-se Salgado Zenha) a inquilino de Belém, transferindo essa responsabilidade para o partido.

Salgado Zenha ou mais nenhum

Agora, acossado cada vez mais pela proximidade das presidenciais, os dirigentes renovadores anseiam por um candidato. E esse «só pode ser Salgado Zenha, Zenha ou mais nenhum...», diz-nos um membro da Comissão Directiva, para quem «o partido só estava à espera que ele avançasse», e «se fosse preciso acendiam-se velas para que isso acontecesse».

Nos últimos dias, Zenha deu vários sinais de que ia avançar, tendo estabelecido inúmeros contactos exploratórios — e,

inclusive, manifestado a Eanes a sua disponibilidade.

Desejaria, todavia, como garantia de base, o envolvimento inequívoco do general. E é essa garantia que ainda faltará a Zenha. Eanes já teve, e perdeu, o seu candidato. Arriscará o envolvimento directo numa segunda escolha? Para já ainda hesita. Dizem-nos fontes anistis que, na sua balança, pesa bastante o prato do pudor, e que, apesar da amizade que o liga a Zenha, não espantará uma resposta negativa.

A verdade é que o tempo joga contra o ex-dirigente socialista que, depois de se demitir de militante do PS, precisa de estruturar rapidamente a máquina da sua candidatura. Fonte próxima de Salgado Zenha garantia-nos, a meio da semana, que ele dificilmente avançaria sem o apoio inequívoco de Eanes. Tal parece ultrapassado. Mas nesta altura, um apoio sem envolvimento poderá não bastar a Zenha...

Vitor Alves opção unilateral

Com tudo a depender de Eanes, os dirigentes renovadores vivem horas de apreensão em virtude dos acontecimentos que conduziram à retirada das listas encabeçadas por Vitor Alves e Medeiros Ferreira à Câmara e Assembleia Municipal de Lisboa.

A desistência do PRD em Lisboa só aparentemente tem origem no atraso na entrega das listas e na posterior descoberta de irregularidades relacionadas com assinaturas forjadas. Os

problemas começaram antes, ainda na fase de constituição das listas.

Para encabeçar a candidatura à Câmara, em alternativa a Abecasis, a concelhia e distrital faziam várias sugestões de nomes, mas sublinhando o de Correia Gago, tido como experiente ao nível da administração pública. Só que, por razões nunca claras e inerradamente explicitadas — dizem-nos na Concelhia de Lisboa — a **directão nacional subverteu a metodologia anteriormente fixada e, à última hora, escolheu «unilateralmente» Vitor Alves.**

Quando uma desgraça nunca vem só

Perplexidade nos órgãos intermédios do partido, em Lisboa, que queriam um cabeça de

lista «com um perfil de gestor competente, e nunca o de um político e muito menos o de um militar». Facto consumado, que deixa alguns dirigentes locais melindrados.

Mas uma desgraça nunca vem só — bem podem dizer os alfacinhas do PRD.

O melindre deu lugar a algum arrefecimento de vontades, e, em cadeia, registaram-se vários atrasos na conclusão dos processos.

Atrasos cujo expoente público se traduziu na entrega tardia da candidatura do PRD à Câmara e Assembleia Municipal, o que deu origem à impugnação pedida pelo PS e PCTP-MRPP e à posterior demissão dos órgãos concelhio e distrital do partido.

O despacho do juiz e as falsificações

Atraso é atraso, e dura *lex sed lex*...

Como se isso não bastasse para toldar a imagem de aparente eficácia e competência que o partido ostenta no rótulo (o responsável pela entrega e conferência das listas era José dos Santos Malaquias, advogado de profissão), o tribunal viria a descobrir — segundo o despacho do juiz Hugo Barata a que tivemos acesso — que entre algumas das assinaturas que acompanhavam o processo — há traços de assinatura que se afiguram saídos do mesmo punho».

Perante esta suspeita determina que lhe façam chegar cópias dos bilhetes de identidade de todos os candidatos do PRD em Lisboa. E, ao conferir assinaturas, constata (citamos o despacho) que «não há a mínima correspondência no curso da letra e traço de assinação entre umas e outras».

E não hesita: invoca «irregularidades por falsificação», e remete o processo ao Tribunal de Instrução Criminal, numa queixa-crime que poderá resultar na prisão do(s) responsável(veis) pela falsificação.

Antes ainda de o juiz determinar o processo-crime, já a comissão directiva ordenara um inquérito interno, iniciado para apuramento das responsabilidades dos atrasos.

Hoje mesmo, o Conselho de Jurisdição Nacional (presidido por Vasco da Gama Fernandes) ouvirá os principais responsáveis pelo processo das candidaturas autárquicas do PRD em Lisboa: Alexandre Manuel, Santos Malaquias (mandatário distrital) e Couto Moreira (mandatário concelhio).

«Iremos até às últimas consequências», garantem os renovadores. Mas não vai ser fácil ao PRD libertar-se deste estigma de falsificação que assumiu foros públicos... e num caso destes é curto argumentar-se com «a garotice, negligência ou ignorância» de alguns envolvidos nas tarefas de zelar pela conformidade legal das listas de candidatos às autárquicas.

Afonso Camões

